

**Benvinda Ana Baçan**

**O  
CONTADOR  
DE HISTÓRIAS**



**L P B Edições**

# **O CONTADOR DE HISTÓRIAS**

**BENVINDA ANA BAÇAN**

**2ª Edição Eletrônicas - 2018**

**Editor  
L P Baçan  
Londrina – PR**

**Copyright © 2018 - BENVINDA ANA BAÇAN  
Uraí - PR**

**2018**

# ÍNDICE

<b>BENVINDA ANA BAÇAN</b> .....	<b>4</b>
<b>O Contador de Histórias</b> .....	<b>5</b>

## BENVINDA ANA BAÇAN



Nasceu em 21/03/1930. Mulher guerreira e dedicada, criou 5 filhos e 2 netos. Durante a vida se doou em cuidados a sua mãe, irmão e esposo.

Escrevia desde 1962, quando fez seu primeiro poema, dedicado ao pai recém-falecido.

Acreditava em Deus e se auto-definia como sonhadora e romântica.

Escrevia compulsivamente, preenchendo folhas e mais folhas de cadernos com poemas e contos que reescrevia repetidamente.

Participou da I e da II Antologias do Portal CEN e publicou os seguintes livros virtuais: "Os Sonhos de Pedro", "O Baú das Minhas Lembranças", "O Contador de Histórias", "A Ponte Caída", "Carrossel" e "Retalhos".

Estava organizando seus textos para a edição de pelo menos mais cinco livros virtuais.

Foi Acadêmica-fundadora da AVLLB.

Faleceu em 31 de julho de 2018.

## O Contador de Histórias

Carlos estava sentado a beira de um rio, triste e pensativo. Ele queria estudar, mas não tinha dinheiro para comprar sua cartilha e um par de botinas novas. Era difícil a situação de seus pais, sem emprego, vivendo de pequenos trabalhos há muito tempo. Sua casa era feita de papelão e, quando chovia, era um Deus nos acuda. A cama era feita de tábuas e o colchão era de palha. Assim era o leito de sua família. Mas Carlos era feliz junto de seus pais. O amor e o carinho dos pais era o suporte de sua vida. Comida nunca faltou, mesmo que fosse um simples feijão com farinha.

Agora, Carlos queria estudar o que para ele era difícil, mas não impossível, e com sua determinação iria conseguir. Ele sempre pensava; "Eu não tenho roupa, não tenho nada, mas tenho uma certeza: este ano eu entro na escola, disso eu não abro mão".

Carlos começou a jogar pedrinhas no rio. Foi quando saiu um peixe de dentro do rio e disse:

-- O que eu te fiz para você jogar pedras em minha casa?

Carlos levou um grande susto e começou a chorar.

-- Eu só estava brincando e não queria te ferir, me desculpe, disse Carlos.

Foi quando ele resolveu contar por que estava triste, jogando pedras no rio. Falou, chorou, desabafou, explicou a situação de sua família, contou sobre a dificuldade do pai para encontrar um emprego, falou sobre sua vontade de começar a estudar, enfim, contou tudo e chorou, chorou muito. O peixinho compreendeu suas razões e fez um comentário.

-- Em vez de você ficar triste e sair por ai jogando pedra na casa dos outros, vá a luta, arrume um trabalho, mas não venha pescar peixes aqui neste rio pra vender.

Carlos pensava: "Como pode um peixe ser tão esperto e ainda preocupado em proteger seus amigos? Eu vou trabalhar para poder realizar meus sonhos e defender o meu direito de estudar."

Decidiu continuar a conversa com o peixe, e disse:

-- O meu nome é Carlos. E o seu?

-- Pode me chamar de Esperto, é como todos me chamam, por aqui eu sou o chefe, eu mando em todos, é só eu dar uma ordem e todos me obedecem.

-- Todos os peixes deste rio falam? -- quis saber Carlos.

-- Sim -- respondeu o peixe. -- Falamos entre nós. Você é a primeira pessoa que ouve um peixe, nunca ninguém havia conversado com um de nós antes.

Depois dessa conversa, Carlos voltou pra casa decidido: "Vou procurar um emprego, não vou desistir dos meus sonhos."

No outro dia bem cedo, saiu rumo ao feirão, falou com várias pessoas e nada de um trabalho. Mas a sorte estava do seu lado. Um fiscal disse a Carlos que ali era proibido menor trabalhar, mas disse que se o seu pai estivesse procurando um emprego, poderia trabalhar no local. Carlos saiu, sentou-se no muro do estacionamento e começou a chorar, pois ele também queria trabalhar. Foi quando uma senhora, ao colocar suas sacolas no carro, viu uma delas se romper e todas as suas frutas se espalharem pelo chão. Carlos, com os olhos cheios de lágrimas, rapidamente começou a ajudar essa mulher, recolhendo todas as frutas. Após essa ajuda, a senhora lhe ofereceu uma moeda, mas ele não quis aceitar. Depois de muita insistência e agradecimentos da parte da senhora ele aceitou. O fiscal viu o gesto do garoto e disse:

-- Você pode ficar por aqui e ajudar essas madames com as sacolas, assim você vai ganhar uns bons trocados.

Carlos agradeceu e por ali ficou o dia todo. Além de ganhar um dinheirinho, ganhava também biscoitos, frutas, doces, pães e chocolates. À tarde, Carlos voltou pra casa com uma sacola cheia, feliz da vida e com muitas moedas no bolso. Quando sua mãe viu aquela sacola cheia de coisas, ficou uma fera, pois pensou que filho estava andando pela cidade pedindo esmolas. Ele explicou para sua mãe que estava no estacionamento do feirão, ajudando as madames a guardar suas compras. Disse que estava fazendo isso para juntar dinheiro para comprar seus materiais da escola e um par de botinas novas, pois queria começar a estudar. Disse também que conseguira um trabalho para seu pai. Carlos entregou o dinheiro para sua mãe contar. Ela viu que ele havia ganhado em apenas um dia, quase o que ela ganhava em um mês fazendo faxina. Isso era dinheiro suficiente para ele comprar tudo que estava precisando para começar a estudar.

Carlos estava muito cansado, mesmo assim tirou um tempinho e correu até o rio pra contar as novidades ao seu amigo Esperto. O peixe ficou muito feliz ao saber que tudo tinha dado certo para Carlos.

-- Às vezes um pequeno conselho abre uma grande porta pro futuro -- disse o peixe.

A vida de Carlos mudou muito para melhor. Iniciou uma nova etapa em sua vida, de muito estudo e trabalho. O menino não tinha vergonha de morar em uma casa feita de papelão. O sonho de seu pai era o de se mudar para uma vila mais próxima do trabalho. Com muito esforço, ele conseguiu comprar um terreno, para pagar à prestação. Sonhava ter uma casinha com água, luz e, por que não, uma televisão, mas isto ainda era só um sonho.

Carlos pegou firme nos estudos. Fazia suas tarefas assim que chegava da escola, depois corria até o rio para falar com o seu amigo Esperto. Ninguém sabia do seu segredo. Ele tinha os sábados livres, então corria

para o feirão para ganhar seus trocados. À noite voltava pra casa com seu pai, com os bolsos cheios de moedas e sacolas cheias de doces e biscoitos. O pai trazia frutas e verduras para reforçar a alimentação. Os domingos eram sagrados, sempre ia com os pais à missa, depois saía com a garotada pra jogar bola em um campinho de terra batida. À tardinha ia ao rio falar com Esperto. O pai sempre lhe dava bronca:

-- Você sempre vai pescar, mas nunca traz um peixe!

Carlos sempre inventava uma desculpa, dizia que não tinha sorte em pescaria.

Os anos foram passando. Carlos agora tinha 18 anos. Certo dia, uma senhora o procurou. Queria que ele fizesse uma faxina no porão de sua casa. Seria um serviço pesado, mas Carlos não recusou. O porão mais parecia um depósito de materiais de construção: pilhas de tijolos e telhas por todos os lados, tudo sobras da construção de uma casa. A senhora foi logo dizendo:

-- Eu quero que você retire tudo isso daqui e leve para seu pai construir uma casa pra vocês. Sei que ele já comprou um terreno.

Carlos não sabia se ria ou se chorava.

-- Pegue um caminhão e coloque tudo dentro. Meus pedreiros vão ajudar. Você vai ter muito trabalho, pois eu quero esse porão limpo em três semanas e sei que você só pode trabalhar aos sábados.

Foi uma festa para os pais de Carlos. Em pouco tempo, contando ainda com uma ajuda dos vizinhos que fizeram um mutirão, a casa nova estava pronta. Os sonhos dele estavam se realizando. Além do material de construção, ele ganhou os móveis, roupas e a tão sonhada televisão. Carlos agora tinha seu próprio quarto, com janelas de vidros, uma cama macia, cobertores e móveis. Seus pais tinham realizado um grande sonho que era sair da mais completa miséria. Não era uma casa de rico, mas era confortável, com água, luz, banheiro com chuveiro de água quente, piso, um fogão a gás e uma geladeira. Com as sobras do material foram construindo um cômodo com banheiro para o vovô Roberto. Ele era sozinho e vivia da ajuda dos vizinhos. Carlos nunca deixou de ir ao rio para falar com seu amigo Esperto.

O jovem continuou seus estudos. Agora estudava à noite e trabalhava durante o dia, fazendo estágio na prefeitura, graças a uma bolsa de estudos que ganhara. Ele estava se preparando para o futuro, fazendo um curso de direito, que era mais um de seus sonhos. Seu pai ainda trabalhava no feirão, sua mãe cuidava do vovô Roberto que agora estava em uma cadeira de rodas. A única diversão do vovô era contar histórias para as crianças da vila e para os aposentados. Ele sempre dizia que só contaria suas histórias se todos já tivessem feito suas tarefas escolares. Ele passava a tarde toda com as crianças. Para as mães era uma preocupação a menos. Às vezes era servido um lanche com suco para todos. Vovô Roberto nunca repetiu uma

história. Com uma pequena formiga de exemplo ele fazia uma grande história, hilariante, cheia de emoções, e isso prendia a atenção da garotada. Certo dia ele prometeu:

-- Eu vou fazer oitenta anos, quero um bolo com oitenta velas e muitos doces. Neste dia eu vou contar uma história verdadeira, não é invenção, que eu sei há muito tempo, de quando eu andava por todos os lados

Faltava quase um ano pra ele completar os oitenta e as crianças contavam os dias, esperando por esse grande momento.

Carlos estava no último ano da faculdade. Certo dia, foi procurado por um senhor muito rico, que disse:

-- Eu quero que você me defenda nos tribunais, por uma grande besteira que eu fiz, eu sou culpado de um crime que cometi, mas com dinheiro se compra tudo, até as testemunhas.

Carlos já tinha conhecimento de outros fatos parecidos com esse, mas nunca concordou com as falcatruas dos poderosos. Ele já sabia do acontecido e estava muito revoltado. O ricoço não deu nenhuma assistência à família da vítima. Ele prometeu a Carlos que, além dos honorários, lhe daria um carro novo de presente. Carlos tinha por costume gravar todas as consultas dos clientes para assim fazer sua pesquisa. Ele queria melhor entender a mente humana. Recusou o pedido do ricoço para defendê-lo, dizendo que ainda não havia se formado e que não poderia ajudá-lo.

O rapaz foi até a casa da família da vítima e disse que iria ajudá-los. Foi uma verdadeira guerra no tribunal, mas neste caso, o dinheiro não comprou a verdade. O ricoço teve que pagar uma alta indenização à família da vítima, graças à gravação que o jovem entregou ao juiz como prova.

Carlos foi até o rio falar com o amigo Esperto. Ele estava muito triste e Carlos ficou preocupado. Esperto disse que uns pescadores foram até o rio e com uma rede pegaram muitos amigos seus. Carlos disse para eles ficarem escondidos durante o dia e que saíssem bem cedo para comer. Ele voltou para casa preocupado. Era o aniversário do vovô Roberto. A vila inteira foi convidada para a festa e todos levaram um presente. Eram pacotes que não acabavam mais. Carlos lhe deu um radinho. Era o que o vovô mais queria. O bolo tinha dois metro de comprimento e oitenta velas, como ele queria. Foi uma grande festa.

-- Eu nunca tive uma festa de aniversário. Também, só se faz oitenta anos uma vez na vida -- disse o vovô.

Depois da festa veio a cobrança das crianças. Todos queriam que ele contasse a história que havia prometido. Vovô se ajeitou na cadeira e começou a contar a história tão esperada por todos.

-- Era uma vez um garoto muito pobre, que morava com seus pais perto de um rio, em uma casa feita de papelão...

Assim era sua história, contando a vida de Carlos, de seus pais, sua luta para estudar e vencer os obstáculos, a tristeza quando chovia e sua casa



era levada pela enxurrada, das noites de frio sem ter um cobertor para se aquecer, tendo que usar apenas um saco de pano para se cobrir, suas poucas peças de roupa. Ele não tinha nem um par de chinelos. Sua comida era feijão com farinha ou um pão duro com um pouco de sopa. Apesar de todas as dificuldades, era uma família feliz, pois todos se amavam. Se vocês pensam que esse garoto não teve infância estão enganados. Ele era organizado em seus horários. Estudava, trabalhava, brincava, dava ordens, gritava, ensinava, elogiava. Ele nunca esquecia das suas peladas debaixo de chuva, com o corpo cheio de lama, as broncas dos pais, os banhos no rio depois do jogo, o prato de sopa quente, servido por sua mãe com muito amor. E, principalmente, as conversas com seu amigo secreto. O menino pobre que era amigo de um peixe falante e jamais apagou-se de seus olhos um certo brilho de tristeza, quando alguém o pescou.

Ele nunca esqueceu daquele conselho: "Nunca jogue pedras na casa dos outros, mesmo que essa casa seja o rio."